Voz de S. Antonio

Revista mensal illustrada

Abençoada por S. S. Leão XIII. Pelo Exc.mo Ordinario e varios Prelados.

OUTUBBRO DE 1903

5.ª Serie — 9.º Anno

N.º 10

Redacção e administração

BRAGA

SUMMARIO

S. Francisco de Assis.
I Parte — **Secção doutrinal:** O frade estrangeiro. — S. Ignez de Assis. — Espirito religioso.—Indulgencias.
II Parte — **Secção historica:** Mosteiro da Madre de Deus em Aveiro. — Pensamentos e anecdotas.
III Parte — **Leituras amenas:** Se eu tivesse mãe!...
IV Parte — **Culto de S. Antonio:** Pia União de S. Antonio.—O Pão de S. Antonio em Braga e outras partes.
V Parte — **Secção scientifico-litteraria:** Existencia de Deus (poesia). — A caminho da Africa. — Bibliographia. — As nossas illustrações.
IV Parte — **Chronica universal.**
Gravuras: Armas de Pio x. — Roma. — Veneza. — Palacio Patriarchal de Veneza. — S. Ignez de Assis. — Extasis de S. Francisco de Assis no Alverne.

CHRONICA LIGEIRA

Summario:—*Um bispo heroico.—Combes, Renan e Charbonnel.—O reinado dos apostatas.—Antes Renan que Combes.—Combes reprovado por Renan e Hyndman.*

O furor jacobino em França continúa na sua diabolica desvastação. O ultimo bispo, privado dos seus vencimentos temporaes, foi o de Marsella.

Deu origem ao telegramma de Combes que o privava da congrua—n'esta época de liberdade já se não examinam judicialmente os crimes, condemna-se o reu por telegramma—uma carta do snr. Bispo, energica como a confissão dos martyres da primitiva egreja perante os tyrannos. O que mais irritou a nevralgia maçonica do apostata, foi aquelle periodo da carta: «Os religiosos não são rivaes que temamos, são auxiliares que procuramos. Pagam as contribuições como qualquer cidadão, amam a patria e fazem amal-a aquelles a quem pregam a divina palavra: porque os haviamos de exilar sem vir em seu soccorro.»

Ao dito telegramma respondeu o heroico prelado: «Não vos pertence condemnar um bispo, sendo além d'isso sem razão. Não está em pleno vigor em França a liberdade franca de escrever contra a religião? Porque não havia de um bispo ter a liberdade de a deffender, se Deus o collocou á frente d'ella?»

E concluia: «S. Paulo manda-nos pedir pelos perseguidores da Igreja. Pediremos a Deus que converta a V. Exc.ª, pois sem Deus não se governam acertadamente os povos.»

Mas porque será que Combes se atira com ferro e fogo aos bispos e frades—á Igreja?—Datará desde o berço este rancor? Pregariam alguma peça os jesuitas ao Combinhos quando ainda usava saiotes!

Não senhor. Combes está satanizado e a primeira virtude d'estes homens monstros é a ingratidão.

O Nero da França é filho de paes catholicos; a egreja educou-o gratuitamento no seminario de Castres; pagou-lhe para cursar estudos superiores em Paris; comeu muito pãozinho aos Lazaristas, e Assumpcionistas.

Depois de ordenado de menores resolveu casar-se e, para ser apresentado aos paes da sua futura mulher, valeu-se de um sacerdote hoje bispo. Parece que devia ficar para sempre grato á Igreja que o fez homem instruido e o tirou da necessidade. Pois elle ahi anda de espada desembainhada contra os que lhe deram o pão. Até o bispo que lhe abriu a porta dos seus sogros foi por elle privado da congrua.

Não é este o unico que roeu a corda aos seus bemfeitores.

Os amigos teem ouvido fallar n'um endemoninhado Chorbonnel, o braço mais poderoso de Combes na campanha anti-relgiosa? Pois ha coisa de vinte e tantos, para trinta annos, era elle um fedelho arremendado, da aldeia de La-Chapelle—Alagon. O parocho d'essa freguezia vendo-lhe vontade de estudar tomou-o á sua conta; vestiu-o deu-lhe meias e sapatos, pão e caldo, sacola e livros e mandou-o para a escola, leccionou-lhe algumas disciplinas em sua casa, pagou-lhe as despezas do seminario de Saint-Flom, mirrou-se com o rapaz. Afinal o bom do sacerdote provou praticamente a verdade do nosso ditado: *quem se mette com rapazes fica...* as mães e amas que accrescentem o resto.

Não admira; os tempos vão de feição para apostatos, como muito bem diz o valente collega da nossa imprensa, o *Mensageiro*. Pois não ouviram fallar na inauguração d'uma estatua de Renan, e no discurso que o snr. Combes fez no acto, por detraz das baionetas e rodeado das clavinas, com medo do povo da Bretanha que afinal vingou-se do insulto feito á religião orando durante a cerimonia publicamente nas egrejas?

Era um apostata a glorificar outro.

Renan não foi patriota, porque muitas vezes maldisse da sua terra, aborreceu as classes populares, o regimen republicano, votou desprezo ao exercito, como em tantas columnas da suas obras se lê; e não obstante a França, representada por Combes, glorifica um filho que nunca lhe teve amor!

E' que Combes e Renan são uma boa parelha. Combes não é patriota, não é francez; é maçon; e como tal procura expulsar Jesus da patria de S. Luiz. Renan, com a sua impia e burlesca VIDA DE JESUS expulsa a Christo de muitas consciencias. A França não levantou uma estatua a um benemerito seu, gloriou um apostata.

Mas fez bem; era necessario que ficasse um padrão attestando ao mundo do futuro a época triste por que vae possando a Gallia—e tantas d'estas épocas tem a historia franceza—e nenhum mais a proposito que o monumento de Renan. Só lhe falta um appenso: Combes em joelhos e de mãos erguidas para a *Deusa Razão*.

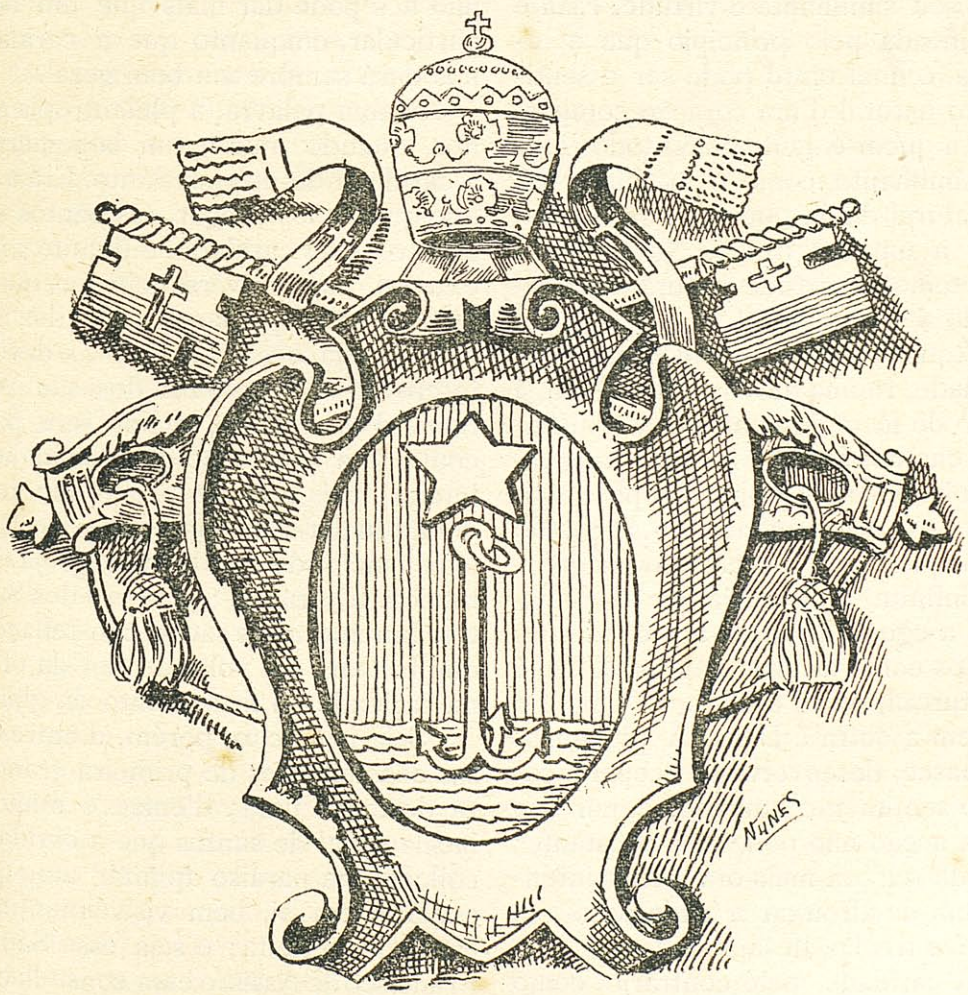
Mas apesar de tudo Renan era melhor homem que o irmão .·. Combes, a acreditarmos nas affirmações de um abbade do Monte Cassino,

9.º anno — N.º 10 *5.ª SERIE* *Outubro — 1903*

Voz de S. Antonio

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — BRAGA

Editor — D. J. de Souza Gomes. *Pap. e Typ. Universal* — Augusto Costa & Mattos



Armas de S. Santidade Pio X

S. Francisco d'Assis

Non sibi soli vivere sed alios proficere vult, Dei zelo ductus.

VIVER só para si é egoismo repugnante. Viver só para os outros é altruismo desordenado. Viver para si e para o seu similhante é virtude. Esta é classificada pelo principio que a informa, o qual tanto pode ser o sentimento natural d'um coração compassivo, a quem é sympathico todo o ser seu similhante, como o principio sobrenatural da fé, que faz ver no homem a um seu irmão. No primeiro caso temos a virtude natural, no segundo a sobrenatural.

Aquella é philantropia; esta é a caridade, rainha das virtudes. Quem é baldo de fé e desconhece a philosophia christã, baralha a cada passo estes dois conceitos—philantropia e caridade — sem consciencia do attentado moral que commette. E todavia é enorme, infinita, a distancia que os separa, e a egual distancia ficam os seus effeitos como as suas causas. Uma é a natureza, outra é a graça. Uma é o homem a outra é Deus. A philantropia nasce, desenvolve-se e opera como o sentimento humano, e por isso a sua acção não pode ser constante; tem de ser ora mais ora menos intensa, tem de afrouxar a cada passo, e, a breve trecho, desapparecer.

A caridade, pelo contrario, como é Deus, não está sujeita a similhantes vicissitudes, antes tende a augmentar constantemente, até se confundir com Elle. A philantropia é o homem, e portanto limitada, circumscripta, que nunca poderá ultrapassar os affectos d'um coração pequeno, que tantas vezes se sacia na posse d'um ridiculo prazer, ou no cumprimento duma acção quasi insignificante. A caridade é Deus, e portanto illimitada, incircumscripta, que não pode ter por medida só os affectos naturaes do coração do homem, nem saciar-se de qualquer bem particular, ou na execução de um acto de somenos importancia.

D'aqui resulta que a philantropia não nos pode dar mais que um bem particular, emquanto que a caridade nos dará sempre um bem geral.

N'uma palavra, a philantropia dá-nos, quando muito, um benemerito, a caridade dá-nos um Santo. Era aqui que queriamos chegar. Os santos são os heroes da caridade, e quanto mais extensa, mais universal ella for, quanto mais se perpetuar atravez dos seculos a sua acção, mais alto deverá inscrever-se no album dos santos o nome d'esse heroe, maior será para com elle a veneração da humanidade inteira, mais honroso preito lhe renderá aquella sociedade que vive, por excellencia, da caridade, a Igreja Catholica. E' grande o numero dos Santos. Innumeraveis são as constellações que brilham em volta do Sol da eterna caridade no firmamento da gloria.

Seja-nos licito, porém, d'entre essas constellações de primeira grandeza destacar uma; d'entre o numero incalculavel de santos que a caridade collocou na paraiso apontar um, que encarne em si, bem visivelmente, a caridade perfeita; e seja esse Santo, Francisco de Assis, e essa constellação a turba magna, a multidão innumeravel que vem engrossando o seu cortejo atravez dos sete seculos já decorridos. Ninguem disputará a Francis-

co de Assis a palma da caridade. Senão vejamos.

A caridade é a quinta essencia do amor; o amor é fogo, fogo vivissimo, que abrasa sem consummir, antes alenta abrasando.

E' fogo que irrompe, sem que nada o detenha, que se communica e incendia tudo o que encontra na sua passagem. Francisco de Assis ardia n'este fogo de amor. E' elle mesmo que o canta no seu bello hymno do amor: *in fuoco l'Amor mi mise.* Estou abrasado em fogo, e este fogo foi o Amor quem m'o communicou.

Os effeitos haviam de ser proporcionados á causa. Este Amor, ou caridade, era infinito, universal, era aquelle *meu Deus e meu Tudo,* que nada exceptuava, que tudo comprehendia, que só lhe bastava; logo a tudo que comprehendia aquelle *Tudo* de Francisco se ateava aquelle fogo que convertia em fornalha ardente o coração abrasado do Seraphim de amor.

Este *Tudo* era Deus e o universo.

Em Deus via Francisco o universo e no universo via a Deus. A sua caridade, por consequencia, abraçou a todas as creaturas do universo, cada uma do modo proporcional ao seu ser e similhança, como é proprio do amor. Quem não ha lido essa vida cheia de poesia, em que todas as creaturas, mesmo inanimadas, entram em scena, e em que todas se approximam de Francisco para entoar com elle, em côro unisono, o hymno da creação ao seu autor? Eram todas suas irmãs, desde o sol até ao grão da areia, desde o leão até ao verme, desde o cedro da montanha até á flôrsinha do valle.

Francisco vivia para todas, o seu amor abraçava a todas. Voltara á terra o tempo da innocencia, um dia desapparecido do paraiso terreal.

Esta era a infima communicação do amor de Francisco, porque em taes creaturas havia pouco do seu *Deus e do seu Tudo.* Mas no homem encontrava elle o objecto das delicias do seu amor, a imagem do seu *Deus,* o resumo do seu *Tudo* e portanto o combustivel proporcionado ao seu fogo, e ao mesmo tempo a expansão bastante para desentranhar toda a sua caridade. Começa agora o *aliis proficere.* Vai executar-se o plano mais arrojado que mente humana poude conceber em prol da sociedade. O mundo christão vae sentir-se animado d'uma vida nova até então desconhecida.

Francisco lança um brado ao universo inteiro, e a sua voz é escutada como um pregão vindo do ceu:

«Homens que não tendes laços indissoluveis que vos prendam á terra, á familia, subi commigo ao monte Alverne. Mulheres, que vos encontraes nas mesmas condições, segui a Clara para os clautros de S. Damião. Vós todos que a estes não podeis imitar, ficai-vos em paz com Lucio e Buonadonna! Ninguem é excluido. Todos foram chamados, e n'esse seculo quasi todos foram escolhidos.

A sociedade christã regenerou-se.

O primitivo fervor dos tempos apostolicos reviveu. Reinou de novo a caridade communicada aos homens por Francisco de Assis, que soube viver não só para si mas para todos. Depois de Christo foi o maior exemplo da caridade universal, porque foi aquelle cuja acção se extendeu, e ainda hoje se extende, a maior numero de almas. E que vasto campo se abre aqui á nossa consideração! Como iriamos longe se fossemos a ennumerar as proezas maravilhosas da obra social christã de Francisco de Assis!

Não é para agora entrarmos n'esse assumpto.

Fique, porém, bem defenido que o ideal de Francisco de Assis é este: *viver para si e para os outros,* isto é santificar-se a si mesmo e santificar os outros. E quanto erram os que diversamente pensam sobre a vida franciscana, sobre a sua importancia e necessidade para a vida da Igreja Catholica!

Não se enganava Leão XIII, de saudosa memoria, quando, sem cessar, clamava: quero que o espirito de S. Francisco seja o espirito de todos os christãos, quero que elle entre em todas as familias, é por elle que a sociedade religiosa ha-de voltar á pratica do Evangelho, e que por elle se ha-de salvar.

Voltem os aureos tempos de Francisco de Assis, e Leão XIII, lá do Ceu, contemplará o bom resultado dos seus esforços. E hão de voltar esses tempos aureos, custe o que custar.

A caridade universal de Francisco de Assis não se extinguiu; o *aliis proficere,* que elle ditou e praticou, continua a sua acção, por meio de muitos milhares de apostolos a quem elle communicou a chamma do fogo em que o Amor o abrasou, e que, mercê de Deus, sabem dedicar-se pelos outros. O mundo repelle-os. Que importa? Por fim será vencido.

Secção doutrinal

O frade estrangeiro

(Conferencia do catholico escriptor brazileiro Carlos de Laet

(*Continuação*)

Este é ainda do mesmo seculo, e tambem estrangeiro. Nasceu em d. Mina del Rio Secco, localidade proxima de Salamanca, na Hespanha em principio de 1498. Chamou-se frei Pedro de Palacios.

Tendo entrado para o convento de S. José dos Reformados, em Castella, passou depois para o recolhimento da Arrabida, em Portugal Neste velho reino—e n'aquella época—não predominavam certos preconceitos muito em voga n'este seculo das luzes. Ninguem lançou em rosto a Pedro de Palacios o não ter nascido em terras de Portugal. Esteve em Lisboa, ao serviço da enfermaria, e lá operou verdadeiros prodigios de caridade; porém mais difficeis misteres lhe tinha reservado AQUELLE que tudo conhece e sabe medir as nossas aptidões.

Em 1558 os habitantes da villa do Espirito Santo, no Brazil, viam desembarcar um religioso capucho. Era Frei Palacios. Sabeis como se compunham os grupos de emigrantes para a colonisação do Brazil. Aventureiros da peior especie, ineptos ou viciosos, que absolutamente não podiam fazer carreira na patria, soldados brutaes, mulheres de vida airada, galés, a cupidez e a lascivia, a boçalidade e o crime pejavam as náos que do velho reino se endereçavam á nascente colonia. Foi com esta escoria da população que se teve de haver o frade recem-chegado. Elle vinha, pescador de almas, procural-as no pégo do gentilismo, e achou-as logo, no littoral, n'aquelle triste nucleo de christãos deschristianisados.—«Não! teria elle dito; vamos a estes primeiro. Os outros, ao menos, poderão um dia allegar perante o SUPREMO JULGADOR a ignorancia invencivel na sua misera condição: mas esses a quem foi prégado o Evangelho e que escandalosamente o postergam! esses que foram baptisados e que vivem afundados no tremedal de todas as torpezas! Vamos a estes primeiro...» E foi, senhores, e de tal escoria, refundida no crysol da religião, soube fazer almas novas; reformou os costumes, debellou os vicios, ensinou áquelles degredados o caminho da outra patria, mais alta e mais bella, a patria celestial. Eis a missão d'este *frade estrangeiro,* e não podeis dizer que foi pequena.

Deram-n'o como fundador do convento que alteroso se ergue sobre o monte da Penha, á margem meridional da bahia do Espirito Santo. Na gruta que demora junto ao sopé do monte, mão piedosa modernamente gravou uma inscripção, indicando que alli foi a primeira habitação de Frei Palacios; e accrescenta haver elle sido quem construiu o convento no alto do morro: «Mirum coenobium construxit vertice rupis.» Mas averiguações posteriores nos ensinam que a outros cabe a honra de ter erigido o bello edificio. Frei Palacios, porém, se não ergueu tamanha fabrica, edificou outros templos, e talvez mais bem acceites do SENHOR, corrigindo e moralisando os primeiros habitadores do Espirito Santo.

Em 2 de maio de 1575 (ou de 1570, como querem alguns), os colonos do Espirito Santo, dando pela falta do homem de DEUS, que de quasi todos fizera um amigo e um filho espiritual, subiram á Penha, onde elle tinha construido, não o convento actual, mas uma simples ermida, e deram com o frade de joelhos, encostado ao altar, braços estendidos, mãos postas, olhos erguidos ao céo Aguardaram muito tempo que findasse aquella extatica prece, mas em vão. Estava morto... Estrangeiro em Portugal e no Brazil, tinha finalmente achado a sua patria verdadeira.

O processo para a a canonisação d'este ope-

rario de DEUS foi, segundo creio, encetado. Então, como sabeis, o Papa manda inquirir minuciosissimamente de todas as circumstancias que possam alterar, pró ou contra, o conceito geral sobre os meritos do canonisando. «Advogados do diabo» chamam se os que impugnom a canonisação, apontando falhas ou defeitos que invalidem a opinião da santidade... Pois bem! se no processo de Frei Palacios lograssem ser ouvidos certos «sdvogados do diabo», como tantos entre nós existem *(riso)*, o defeito assacado seria este, infallivelmente:—não ter sido brazileiro nato... *(Riso)*. Mas eu espero, senhores, que a sabedoria innarravel do Summo Pontifice nunca faça de logar do nascimento uma condição de santidade.

Terceiro... terceiro não, quarto «frade estrangeiro» se póde considerar um jesuita que teve por nome Antonio Vieira.

Nasceu em Lisboa aos 6 de fevereiro de 1608. Francamente, eu preferira que o local do seu nascimento houvesse sido, por exemplo: Guaratinguetá; mas não se póde discutir o que consta de irrefragavel documento: elle nasceu em Lisboa. Era, portanto, para os nativistas do seu tempo um «estrangeiro», ou, peior ainda, um «jesuita» Dous monstros *in carne una!*

E que fez elle?

Catechista entrou pelos sertões a dentro, conquistando para a christandade muitissimas tribus do gentio brazilico: homem politico, foi o braço direito do seu soberano, propoz medidas e angariou recursos para a expulsão do Hollandez, que tinha empolgado o norte do Brazil, prégador eclypsou os mais distinctos e, na finura dos conceitos, bem como nas audacias do estylo, subiu tão alto que ainda nenhum se lhe approximou: prosador emerito, delle se póde com justeza dizer que fixou a syntaxe vernacula, assim como fixara Camões o lexico portuguez

Pelo que diz respeito ao nosso Brazil, senhores, é impossivel fazer a historia do seculo decimo setimo sem repetidamente encontrar Vieira. Direi mais: o vulto n'este *padre estrangeiro* enche todo esse periodo no Brazil; e, por isto, optima prova de criterio deu o nosso Instituto Historico e Geographico, quando na secção consagrada, em sua *Revista Trimensal* para registrar as biographias dos—*Brazileiros* distinctos por lettras, armas, virtudes, etc.—em o numero de taes compatricios incluiu Antonio Vieira, publicando um resumo da sua vida na pagina 229 do 6.º volume.

O que mais particularmente nos interessa na vida de Vieira, é, senhores, o santo amor que sempre dedicou á catechese e á liberdade dos indios. Os brancos effectuavam pelo amago do paiz correrias em que aprisionavam e reduziam a captiveiro os profugos selvagens. Arrancavam-lhes as mulheres e as filhas, matavam as crianças, e dos homens validos faziam á força de pancadas, servos para os trabalhos ruraes. Era a escravidão debaixo da fórma mais odiosa. A nossa historia colonial está cheia d'esses horriveis attentados, eterna vergonha do homem civilisado, macula indelevel na conquista do continente pela intrepida iniciativa dos nossos avós. Pois bem, senhores, foi contra esta ordem de cousas que se ergueram os jesuitas e á frente d'elles o famoso Vieira.

Sabeis qual a magnitude da sua obra? Que nol o diga um dos seus mais conceituados biographos. Depois de citar os missionarios que Vieira distribuiu pelas diversas estancias ou aldeias, explica elle:

«Estes são os filhos de Santo Ignacio, que de dous em dous como os discipulos de CHRISTO, se postaram a levar, por aquella inculta região e barbaridade cega, os resplendores da doutrina e da fé. Depois, pelas occorrencias do tempo, teve, em parte, alguma mudança este systema. O espaço d'esta campanha de norte a sul (aqui chamo, senhores, vossa attenção) é de mais de quatrocentas leguas por costa; as christandades e aldeias que n'ellas se contavam, eram cincoenta e quatro; as almas, mais de duzentas mil. Não se contem n'esta resenha com estancia determinada, porque queria estar em todas, o capitão e cabo de todos, o padre Antonio Vieira, porque, disposto primeiro o seu exercito para a parte do norte, isto é, do Maranhão até ao rio das Amazonas, reservava-se para passar ao sul até á Fortaleza do Ceará, que são os dous termos do Estado, e ainda revolvia no animo mais comprida jornada.» (ANDRÉ DE BARROS, *Vida do padre Antonio Vieira* pagina 117 da edição lisbonense de 1858.)

Eu vos pergunto, senhores, onde actualmente os planos de civilisação dos indigenas, os quaes com este se possam comparar? O nativismo, que tão vesgos olhos lança aos estrangeiros, nossos auxiliares em religião, deveria olhar para isto e chamar a si a magna tarefa da catechese. Não é logico que, sendo para elle essencial requisito o haver nascido no Brazil, á sua triste sorte abandone tamanho numero de Brazileiros natos, de que, pelo menos, se poderiam fazer magnificos eleitores, soberbos oradores de *meetings*, e até ministros do Supremo Tribunal. *(Hilaridade)*.

E os snrs. positivistas, tambem, porque não se entregam a essa nobre missão? S. Francisco Xavier e S. Ignacio de Loyola figuram no calendario de Augusto Comte, a 22 de S. Paulo, que é o sexto mez do anno... O que vemos, porém, é que os missionarios d'essa grei em vez de se atirarem ás privações, ás intemperies, aos perigos, como os prégadores catholicos, fazem questão de dinheiro para se estabelecerem em uma basilica, e com pingue dotação garantida. Eu bem quizera contemplar o (com licença de V. Exc.ª Rev.ma) bispo positivista do Rio, sósinho, ou com dous ou tres companheiros, a trabalhar pela catechese nas florestas da Goyaz ou matto Grosso. *(Riso)*. Eu sentiria que de suas palavras não pudesse brotar a luz do Evangelho, mas em todo o caso lhe respeitaria a sinceridade... Tal, porém, não succederá, senhores: os propagandistas do comtismo preferem ir para a capital da França, Paris, centro do todas as mundanidades e prazeres. *(Approvações)*.

E já que tocamos n'este assumpto da cathechese, preciso é reconhecermos que o não muito que existe, absolutamente, não tem cunho nativista, porque é fructo dos esforços e da corajosa dedicação de frades estrangeiros!

São Dominicanos estrangeiros os que ora catechisam nas margens do Araguaya, em territorios do Pará e de Guyaz. Fundaram alli a colonia da Conceição do Araguaya, nucleo de mais de quatro mil pessoas; manteem dous collegios um

internato de cincoenta meninos, e um externato para numero indeterminado de meninas, dirigido este pelas Irmãs Dominicanas, que alli são mestras e exemplares de receio feminil.

Estrangeiros tambem são os Salesianos que trabalham em Matto Grosso. Ainda hoje, n'este mesmo salão do Circulo, mostraram-me uma photographia de catech-humenos matto-grossenses. No meio d'elles estava o catechista, não um positivista de fraque, mas um homem de batina, de physionomia calma, placida, com a serenidade que dá a consciencia do dever, e tendo ao peito a sua, —a nossa Cruz—a Cruz, seu e nosso emblema, seu e nosso estandarte, seu e nosso programma.

Estrangeiros são ainda, os Franciscanos dos sertões de S. Paulo e do Maranhão, nas celebres missões onde o lucro que colheram foi o saque, foi a tortura, foi o martyrio, na espantosa matança de que tanto fallaram os jornaes... Por toda a parte encontrareis o rasto de sangue dos catechistas... E que ingratidão, senhores, o pisal-o com odio, porque seja o do estrangeiro! *(Sensação.)*. Elle foi derramado pelo nosso CHRISTO e pela nossa patria. *(Applausos)*.

Prosigamos, porém... A *mais comprida fornada*, de que fallava André de Barros nas palavras de que vos li, não chegou infelizmente a realisar-se. Prohibidas que foram as *entradas livres*, enfureceram-se os colonos e arderam em furias contra os jesuitas.

Entradas livres! Notae bem, com que artificios de linguagem sabe o demonio colorir as suas negras idéas. O que o colono do Maranhão pretendia, era isto: fazer *entradas livres*. O jesuita empecia-lhe esta *liberdade*... Logo era o jesuita o inimigo da liberdade, o elemento anti liberal e abominando. Considerae, porém, que a *entrada livre* era a incursão em procura de miserrimos escravisandos; era a lascivia a pascer-se nas mulheres, era a ferocidade a cevar-se nos homens. O que elles queriam, esses colonos do Maranhão, era a liberdade de entrar abusivamente pela propriedade e pela segurança dos outros. Nem tal vos admire, senhores. Em nossos dias, agora mesmo, ha quem pugne pela «liberdade de reunião», tal como lá a entendem elles. E como é que a entendem? Como a liberdade de reunir desvairados, açular-lhes as paixões, apupar os jornalistas que não propugnam os seus erros, escalar mosteiros, e, cem contra um, perseguir homens inermes! Os «meetings» de hoje são primos co-irmãos das «entradas livres» de hontem. (Applausos).

Não podendo, portanto, os do Maranhão tolerar as represas que lhes punha Antonio Vieira a cubiça e a incontinencia, cercaram os padres no seu collegio; tiraram n'os de lá no meio de apodos e injurias; arrastaram n'os pelas ruas e obrigaram-n'os a embarcar sem o conforto que exigiam a dignidade sacerdotal, os muitos serviços que taes homens tinham prestado ao Brazil. Senhores, tudo isto nos parece cruel, selvagem, absurdamente bestial; mas outra não é, atravez dos seculos, a longa historia do apostolado catholico. E, se dispostos vos achardes a um movimento de orgulho, acreditando viver em época de maior tolerancia, lembrae-vos do que entre nós succedeu, ha dias, quando monges veneraveis pelo seu saber e pelas suas virtudes foram coagidos, de noite, e sob a imminencia de morte, a deixar o seu cenobio, asylando se á sombra protectora do palacio archiepiscopal. Hoje, como sempre, a liberdade é o mestre; e o pretexto, a fallaciosa divisa, mas a realidade é a perseguição contra os que desbravando os caminhos de DEUS, encontram e tem que desalojar a serpe do interesse.

Não acompanharei, senhores, o padre Vieira em todos os incidentes da sua longa existencia, Para isto fôra mister não uma, porém muitas conferencias. O que fica dito, é o essencial, e aqui não posso senão esfloar os assumptos receioso de fatigar-vos. («Não não!»)

Urge apressar nos,—e, observando que até agora só tenho fallado de franciscanos e jesuitas, passarei a lembrar alguns benedictinos. N'isto, aliás, vou seguindo a ordem dos factos. Como bem adverte frei Jaboatão, em seu *Novo Orbe Seraphico Brazileiro*, os primeiros trabalhadores da obra celestial, em terras do Brazil, aquelles que DEUS nos enviou á hora de prima, *primo mane*, ao romper do dia, foram os franciscanos; vieram depois os jesuitas, e só mais tarde os benedictinos, ordem mais repousada e sapientissima, e assim destinada para a colheita dos fructos, de que os outros já tinham lançado as sementes. Ora, senhores, bem é que o saibais, n'esta meretissima Ordem Benedictina antigamente não se fazia questão de nativismo.

Uma das glorias—e tantas são ellas—da Ordem Benedictina no Brazil é frei Antonio do Desterro, que nasceu em Portugal, em Vianna de Lima, no dia de S. Antonio, 13 de junho de 1694. Já era Bispo de Loanda quando veio para a Diocese do Rio de Janeiro, onde na lista dos prelados occupa o sexto logar.

Foi homem de tão distinctas qualidades que dos contemporaneos mereceu o titulo de *mestre dos bispos*. Governou vinte e sete annos esta afanosa diocese, cingindo a mitra cujos pungentes espinhos V. Exc.ª Rev.ma tão fundamente está sentindo: e á maior severidade no tocante á correcção dos costumes soube alliar maxima caridade para com os infelizes.

Regularisou o assentamento de baptismos, casamentos e obitos, e obrigou os parochos ao ensino da doutrina christã por espaço de meio hora, pelo menos, antes da missa dominical. Mitigou o soffrimento dos escravos, interpondo se entre elles e seus senhores, e inspirando a uns o sentimento da obediencia e aos outros o da commiseração. Prohibiu o enterramento dos negros em logares não sagrados, como até então se costumava fazer—e assim praticamente deu aquella sabia lição da perfeita egualdade humana ante as formidaveis barreiras da morte. Foi elle quem legou á mitra a Quinta do Rio Comprido, onde hoje se acha o Seminario de S. José. Finalmente, quando morreu, aos setenta e nove annos de edade, em 1773, immensa foi a tristeza dos fluminenses.

Era portuguez da gemma, senhores, pelo nascimento, e, todavia, o dr. Joaquim Manuel de Macedo, meu finado mestre, filiado á escola politica liberal e que com muitas cousas certas me ensinou tambem algumas erradas *(riso)* sobre historia do Brazil—o dr. Macedo não hesitou em incluir a frei Antonio do Desterro entre os nossos compatriotas illustres no seu «Anno Biographico

Brazileiro.» Esta publicação, como não ignoraes, foi escripta para figurar na Esposição de Philadelphia, em 1876, e alli dar idêa do adiantamento moral e intellectual da nossa patria, tão opulenta de homens illustres que podia apontar um em cada dia do anno. Perfeitamente: e Macedo, n'essa galeria nacional abriu espaço para o «frade estrangeiro», que ao Brazil consagrara tantos annos de actividade no bem fazer. Elle lá se acha no artigo correspondente á data de 13 de junho, dia do seu nascimento. Era assim que ha alguns annos se comprehendia o patriotismo.

SANTO PROTECTOR PARA O MEZ DE NOVEMBRO

S. Ignez de Assis. — Ignez pertencia a uma das familias mais illustres de Assis. Favorini Scifi, seu pae era o conde Sasso Rosso e Ortolana, sua mãe, descendia da nobre progenie dos Fiume que ainda tem representantes em Assis.

A piedade christã era tradicional em sua familia, e Ignez, graças á esmerada educação de sua boa mãe, não sentiu nunca atractivos para as vaidades do mundo, tão fascinantes n'aquella epocha.

Em 1212 prégava o Penitente de Assis, S. Francisco a quaresma na sua cidade natal, ouvido como de costume por uma multidão innumeravel de fieis. Estavam sempre presentes Ortolana e suas duas filhas, enlevo dos seus olhos, e delicias do seu coração materno, Clara e Ignez. Aquella de dezoito annos, esta de quatorze.

As palavras do Santo, a fama da sua penitencia e santidade, o seu exterior rude e pobre, o desprezo que mostrava pela opulencia, elle que fora tão rico, tocaram os corações das duas virtuosas donzellas. A mais velha pediu para fallar em particular com o celebre prégador o que conseguiu facilmente. O que lhe dissesse Francisco não se soube. O facto foi que no Domingo de Ramos immediato Clara pela manhãsinha, vestiu-se com o maior luxo possivel, entrou na cathedral e assistiu com grande fervor aos officios divinos e benção dos ramos.

No dia seguinte, Clara foge da casa paterna com uma creada e dirige se á igreja de Santa Maria dos Anjos onde S. Francisco lhe vestiu o habito da penitencia.

Ignez, quando soube do paradeiro de sua cara irmã, não tardou a imitar-lhe o exemplo. Poucos dias andados deixa ás occultas a familia e vae lançar-se nos braços de sua cara irmã. S. Francisco vestiu lhe um habito penitente como o de Clara e deu a ambas algumas regras de vida espiritual para se dirigirem.

Os paes e parentes de Ignez já magoados e descontentes com a perda de Clara, endoudeceram quando souberam da resolução da sua segunda filha. Levados de um amor mal entendido mas disculpavel então, tentaram, com blandicias amorosas e lagrimas, depois com ameaças e até com violencias e maus tratos, arrancar do claustro a virgem consagrada ao Senhor; mas tudo foi inutil. O laço que a prendia a Jesus era muito forte já, e não havia força humana que o partisse.

Esta santa Virgem que tanto soffreu para não quebrar a palavra que dera ao amado esposo da sua alma, voou rapidamente no caminho da perfeição. Sua santa irmã Clara viu-a muitas vezes enlevada; em extasis aureolada com uma triplice coroa.

O Divino Infante de Belem por quem Ignez morria de amor appareceu-lhe muitas vezes.

S. Francisco que lhe conhecia a santidade e a rara aptidão para dirigir almas na perfeição, nomeou a abbadessa do convento de Monticelli. Tal era a penitencia que fazia e a brandura com que tratava as suas irmãs, era tal a docilidade e sympathia do seu exterior que as pessoas mais nobres de Monticelli entraram no convento de Ignez e em poucos annos a sua communidade possuia almas escolhidas, como a de Clara em S. Damião de Assis.

Fundou por ordem de S. Francisco vastos conventos na alta Italia todos formosos pela santidade das suas communidades.

No fim de julho do anno de 1253, Ignez encontrava-se em S. Damião á cabeceira de sua irmã Clara enferma d'uma febre que a roubaria ao mundo.

Ignez chorava desconsolada a morte de sua cara irmã e mãe. Clara para a consolar promette-lhe que não se separaria d'ella mais que algumas semanas e que voltariam breve a encontrar-se juntas.

Ignez consolou-se com esta predicção prophetica que não tardou a realisar-se.

Clara espirava na tarde do dia 10 de agosto e Ignez a 16 de novembro do mesmo anno foi juntar-se-lhe no throno da gloria n'um amplexo de amor eterno e indefectivel.

Indulgencias do mez de novembro para os Irmãos Terceiros

No dia 19 — Festa de S. Izabel de Hungria, patrona das Irmãs Terceiras, absolvição geral.

Indulgencia plenaria no dia 27 e 29.

Para os fieis que visitarem as egrejas franciscanas e commungarem: plenarias nos dias 12, 16, 19, 26 e 29.

VIRTUDE PARA IMITAR

O sentimento religioso. — O Senhor gravou em nós o lume do seu rosto, diz o Poeta inspirado. E com effeito mui pouco proporcionado ao seu destino seria o homem, se o Creador, ao formal-o não imprimisse n'elle o sentimento da Divindade.

D'ahi vem que qualquer não precisa senão de recolher-se em si mesmo, de consultar seu coração, para se convencer de que ha n'elle, de que ha em nós um principio religioso, um instincto, ou um sentimento intimo independente de nós, que nos eleva acima de nós.

Este principio, este instincto, ou este sentimento não é portanto circumscripto a certos tem-

pos, lugares, ou circunstancias. Encontra-se em todas as nações civilisadas, sejam quaes forem as suas tradições as suas leis os seus costumes; encontra-se nas tribus errantes dos desertos; e até nos selvagens que vivem nos bosques, á maneira das feras.

O patriarcha mesmo do atheismo, se assim se pode chamar o seu mais imprudente e acerrimo propagador, confessa que as noções da Divindade estão espalhadas por toda a terra, e só procura diminuir-lhes a importancia, comparando-as, e tentando confundi-las com outras, que nem são de todas as epochas, nem teem em seu abono o consenso geral do genero humano.

Accresce que aquelles, ou mal intencionados, ou mal informados viajantes, não fizeram a dinstinção entre ideia e sentimento religioso, que são cousas differentes; nem de suas narrações se póde inferir a falta d'este sentimento, mas a sua realidade, pois são elles mesmos que nos contam que os povos, a quem não concedem taes ideias crêem na magia, nos feitiços, em poderes sobrenaturaes, tem sacerdotes que se inculcam em intelligencia com estes invisiveis, offerecem sacrificios ás almas dos mortos, e admittem outro mundo, que estas almas vão povoar: e quem não vê em tudo isto o sentimento religioso?

Os signaes pelos quaes elle se manifesta, são muitos, e a ignorancia e o erro muitas vezes lhes misturam seus estranhos desvarios: mas ou estes signaes appareçam puros ou acompanhados de extravagancias mais ou menos absurdas; todos elles concorrem para mostrar que no coração humano ha uma causa ou um principio, que o faz sempre tender para as regiões do invisivel do maravilhoso, do infinito; que o faz como advinhar, bem que obscuramente, o seu destino, a existencia de um Poder supremo, a necessidade de um culto e que o dispõe e prepara para receber a luz da revelação.

Se este principio, para o qual na mais rica das linguas mal poderá achar-se um termo correspondente, não fosse uma lei geral da natureza humana como se encontraria elle em todos os povos de costumes os mais diversos entre os homens de indoles as mais oppostas em meio da cultura e da civilisação da ignorancia e da barbaridade? Quem o levou de uma extremidade do mundo á outra, aos mais áridos desertos, aos mais inhospitos sertões ás mais ignotas ilhas, antes de se franquearem as communicações, antes de se devassarem os mares?

Talvez se diga que se elle fosse essencial á nossa natureza, deveria apparecer na nossa mais tenra infancia: porém ninguem contesta que nos seja natural a razão, e apparece ella porventura nos primeiros momentos da nossa existencia? E'-nos natural o sentimento do bem e do mal, do justo e do injusto, e não se vae elle vagarosamente desenvolvendo, á medida que physicamente crescemos e nos desenvolvemos? Não será da natureza de uma planta produzir a flôr e o fructo, só porque ao nascer se não vê n'ella fructo nem flôr?

E quem é que se recorda d'aquillo que sentiu, ou que pensou nos seus primeiros mezes, ou nos seus primeiros annos? Quem sabe se alguns dos seus primeiros sons inarticulados, que os meninos soltam, são a primeira expressão de um pensamento immortal? Chateaubriand, tendo por certo que elles ao nascerem já em si trazem o instincto do Creador, esse dom Divino, esse sentimento misterioso, ineffavel, de que tratamos, não duvida de invocar em abono d'esta verdade, suas inquietações, seus temores nocturnos, sua pendencia a elevarem os olhos ao ceu, e outras circunstancias que raras vezes escapam a quem atentamente as observa.

E se a ideia de Deus nos é innata, porque o não será o elemento de que ella se compõe? o principio de que ella é desenvolvimento? esse principio tão fecundo, tão rico de poesia intima, da poesia da alma?

Ah! não se pode negar, sem abjurar a natureza, que essa qualidade lhe é inerente, o que importa o mesmo que dizer qne nasce com o homem.

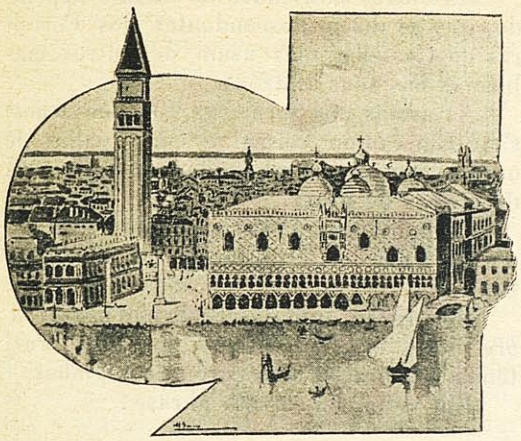
Se não nascesse, donde lhe viria ella? da revelação feita immediatamente por Deus aos primeiros pais do genero humano, e transmittida, por estes a seus descendentes por uma constante tradição? Quem a communicaria a tantos homens absolutamente privados de educação, quem ministraria este alimento divino a tantos filhos abandonados por seus pais nas solidões dos desertos, creados entre as feras, e alguns talvez sustentados com o seu leite?

Não pareça porem que deixar de o attribuir á revelação é negar-lhe uma origem divina: muito pelo contrario é reconhecida; pois só o Ente Supremo é capaz de gravar no coração humano, com caracteres indeleveis, um sentimento tão augusto: só elle é capaz de dotar o homem com esta qualidade celeste, que o assemelha aos Anjos, e o destingue de todos os outros objectos da creação.

As abelhas fabricam os favos, que a humana sciencia não tem podido imitar; e nada mais admiravel que o seu regimen, sem o precario auxilio das oscilantes theorias da politica. Os castores edificam casas, em que se abrigam contra os rigores das estações. Muitos outros animaes nos excedem na agilidade, força e nos admiraveis effeitos de um inexplicavel instincto, porem nenhum d'elles tem o instincto religioso; nem mesmo a aguia que em seu vôo audacioso se eleva acima das nuvens, e parece demandar o alcaçar celeste: de maneira que o contestarmos aquelle sentimento seria pretender despojar-nos da maior das nossas prerogativas, d'aquella que ainda mais que a razão nos avantaja aos brutos, seria confundir-nos com elles, e descer-mos da esphera em que o Creador nos collocou.

E quem é que não acha em si este sentimento? quem é que em si desconhece este monitor Divino, que elevando o acima das fraquezas terrestres, tantas vezes o adverte d'aquillo de que a sua razão o não adverte, tantas vezes lucta com ella, quando ella se desvaira, e tantas termina por vencel-a?

Quando o espirito da impiedade assesta contra nós suas infernaes baterias, que força é esta interior que lhe desconcerta os planos que lhe repelle os assaltos? E o vasio immenso, que nós sentimos sempre em nossos corações, que origem tem elle, ou o que é o que elle nos annuncia? que ambicioso rodeado das suas grandes riquezas, que conquistador no cume das suas victorias, que Monarca sentado em seu trono, está plenamente satisfeito? D'onde vem a inquietação que os perse-



VENEZA

gue? um desejo sempre renascente, uma aspiração continua á felicidade que lhes foge, uma tendencia irresistivel do limitado para o infinito?

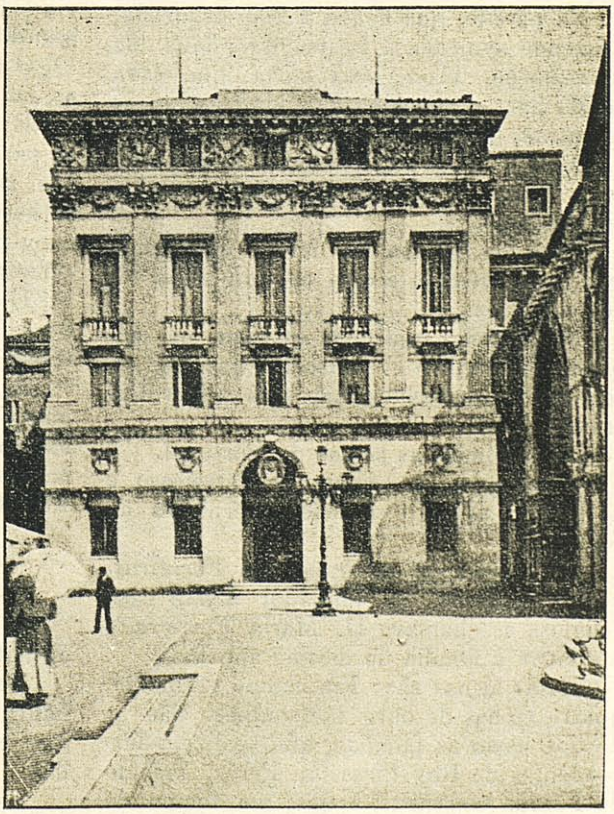
Os animaes contentam-se com tão pouco, só o homem nunca está contente! Para elles a natureza visivel é tudo, o invisivel exerce uma ação immensa sobre nós. As suas esperanças e os seus receios não se estendem além da morte a morte nem é um termo dos nossos receios nem das nossas esperanças. Elles, quando tremem, ou quando soffrem, não pedem soccorro ao ceu: nós, por mais que as nossas paixões d'elles nos tenham feito esquecer, surprehendemo-nos a implo ral-o, quando as desgraças nos opprimem, ou os perigos nos acommettem.

Pergunte se aos miseros rostos de uma tripulação naufragada, que sentimento, a par do terror, se manifestou n'elles quando a morte se lhes apresentou com todos os seus horrores, e os abysmos espantosamente se abriram para os receberem? que clamôr era esse que levantavam, que fervorosos votos eram os que faziam, a que entes se dirigiam, e se em momentos de tanta angustia se observou em algum d'elles alguma apathica indifferença, algum vestigio de impiedade?

Cousa admiravel! o sentimento religioso não é como os outros sentimentos, que diminuem ou se extinguem com o tempo, emmudecem á vista dos perigos, desapparecem á vista das desgraças: elle pelo contrario fortifica-se com o tempo, cresce com a edade, e na presença dos infortunios, nas crises mais arriscadas, exerce a sua maior força, ostenta o seu maior poder.

Abandonados do mundo, elle nos offerece uma alliança além do mundo. Perseguidos pela injustiça, e pela prepotencia dos homens, elle nos mostra um Tribunal justissimo collocado acima de todos os homens. Se choramos um objecto, que nos era caro, elle, como se explica um escriptor celebre, nos lança uma ponte sobre o abysmo, e nós a atravessamos com o pensamento. Se a vida nos escapa, elle nos dá azas para voarmos para a outra vida.

Homem, quem quer que tu sejas, importunado pelo sentimento religioso na carreira de teus delirios, julgas que serias menos infeliz sem elles? enganas-te. Quando todas as fontes do prazer se seccarem para ti, quando as desgraças desfecharem a prumo sobre a tua cabeça, onde poderás tu encontrar balsamo para as tuas feridas, o alivio para as tuas penas? Engolfado no mar das paixões, e invocando em teu auxilio os sofismas da impiedade, persuades-te haver desterrado de teu peito o mais indestructivel dos sentimentos? enganas-te ainda. A Mão omnipotente, que ahi o gravou, ahi o conserva apesar dos teus esforços. Quando tu menos o pensares, ver-te-has agitado por elle; e ai de ti se o seu aparente som se não desvanecer, senão quando a esperança se tiver retirado, senão para te annunciar as vinganças do Senhor, senão para começar o teu suplicio.



PALACIO PATRIARCHAL DE VENEZA

Secção historica

MOSTEIRO DA MADRE DE DEUS EM AVEIRO

(Continuado de paginas 268).

VIII

A *Sala da Rodeira* era quasi tão grande, como a *Casa da Roda,* e o tecto era egualmente abobadado.

Recebia luz de uma fresta gradeada e envidraçada, aberta na parede, que ficava á mão direita. Essa fresta dava para o páteo ou adro, junto do qual ficava o mosteiro e a Egreja de que já fallei.

Na parede, fronteira á da entrada, havia em cada uma das extremidades, uma porta. A que ficava á esquerda dava ingresso para algumas dependencias, que ficavam na parte inferior do edificio. A outra communicava com uma escada, que dava accesso ao primeiro andar.

Na parede, que ficava á mão esquerda, e fazendo symetria á fresta, que dava luz ao recintho, via-se uma porta, que dava sahida para o claustro. Era simples, como as outras, do mesmo recintho.

A abobada era lisa e tinha umas pinturas a fresco, enfeitando um brazão, que havia no centro.

Esse brazão era em forma de escudo oval, esquartelado e com os emblemas todos coloridos.

Na primeira quartella, estavam os emblemas da Ordem Franciscana, que, por serem muito conhecidos, não será mister descrever.

Na segunda, as armas de Portugal.

Na terceira, as armas dos Ferreiras; e no ultimo, as dos Cernaches, Serniches ou Sarniche.

Figuravam alli as armas dos Ferreiras, porque a esposa do fundador d'esta casa religiosa se chamava D. Maria Ferreira e pertencia á familia do mesmo appellido.

Essas armas são: Em campo vermelho, quatro fachas de ouro horisontaes. São as de que usam as familias, que se dizem descendentes de Ruy Pires (ou Peres, bisneto de Fernão Geremias, e que, no tempo de D. Affonso Henriques, teve o Senhorio de Ferreira de Aves.

Ha outros individuos do mesmo appellido, que se dizem descendentes dos Ferreiras de Castella, mas usam de outros emblemas nos seus brazões.

As armas dos Serniches, (ou Cernaches) são: Em campo vermelho cinco pallas de ouro e, em volta, uma bordadura azul, cheia de vieiras de prata.

Os individuos d'esse appellido tornaram-n'o da Villa de Cernache, ao pé de Coimbra.

No brazão, que descrevi, não havia *timbre*. Este era substituido por uma cruz, tendo nos braços uma corôa de espinhos.

Em volta, lia-se esta phrase:

SOLI DEO HONOR ET GLORIA.

(Só a Deus honra e gloria).

A falta de *timbre* e esta legenda pareciam indicar, que os brazões da terra nada valem, nem lhes devemos prestar homenagem, e que esta só a Deus deve prestar-se.

A Chorographia, do Padre Antonio Carvalho da Costa, diz, que este mosteiro havia sido fundado n'umas casas, que para isso dera Filippe Serniche, em 1644.

O mesmo repete o Padre Luiz Cardoso, no seu Diccionario geographico.

E' de suppor, que Filippe Serniche fosse parente proximo e testamenteiro de Manoel Barreto Serniche, e que d'este houvesse herdado alguns bens, sob a condição, de cumprir os actos de piedade a que já fiz referencia.

E se o herdeiro era filho do testador, é de suppor, que esses bens entrassem na terça.

A verdade só poderia averiguar-se, depois de consultar documentos, que já hoje não existem e de ver a genealogia dos Cernaches, ou Serniches, que não será possivel encontrar-se.

*

* *

O claustro d'este mosteiro pouco tinha de notavel.

De cada lado, tinha oito columnas cylindricas, de pedra, simples e pouco elevadas, e nos angulos, uns cunhaes, de pedra lisa.

Estas e as columnas, com as paredes, que lhes ficavam paralellas, sustentavam umas varandas, cujos tectos pousavam n'ou-

tras columnas, que eram rectangulares e desengraçadas.

No centro do claustro, havia um poço com as bordas quadrangulares e salientadas exteriormente, em formas curvilineas. Ao lado havia um tanque pequeno que servia de lavadouro, para algumas peças de roupa.

No fim dos corredores, ficavam ao norte, uns elevados armarios, cada um dos quaes era dividido em duas secções horisontaes e occupava toda a parede.

Nos fins dos outros corredores, existiam umas portas, que davam passagem para as diversas dependencias do edificio, taes como as cosinhas, refeitorio, casa do capitulo, botica e outras, que não é mister nomear, nem d'ellas indicar as posições.

Este claustro era ajardinado. Todo o seu conjuncto, bem indicava a pobreza e a simplicidade, proprias da Ordem Terceira de S. Francisco.

*

Ao nascente, ficava um pateo ajardinado e fechado por algumas das secções d'este edificio.

Nada tinha digno de descripção e apenas servia, para dar luz e ar ás repartições, que lhe ficavam contiguas.

*

Como se disse, este edificio tinha superiormente dois andares.

O primeiro era pouco elevado. Tinha em todo o comprimento, um corredor que ficava ao sul e, por tanto, ao longo da rua, denominada de Sá. Voltadas, para o claustro e para o pateo, de que fallei ficavam as cellas, habitadas por educandas, e por creadas. Egualmente eram habitadas as cellas, que ficavam ao longo dos corredores, perpendiculares ao lanço principal do edificio.

O outro andar, tinha tambem um corredor ao longo da rua e ao nascente era terminado por uma pequena sala, a que se chamava Mirante de Esgueira, por estarem as suas janellas voltadas para a povoação d'este nome.

As cellas, que ficavam ao longo d'esse corredor, eram habitadas pelas professas, pelas terceiras (seculares) e pelas senhoras, encarregadas do ensino.

Bem se via, que este edificio seria muito grande, se tivesse sido acabado. Mas deu-se com elle o que se dava com quasi todas as casas conventuaes do nosso paiz. Os padroeiros e os fundadores mandavam riscar edificios avantajados, levando-se dos enthusiasmos da occasião e esperando, que, no futuro as protecções não faltariam para a continuação e conclusão de obras dispendiosas.

Raras vezes deixavam de enganar-se. Em muitas partes, ou afrouxava esse enthusiasmo ou instituições novas desviavam as attenções de pessoas devotas.

O mosteiro ou convento, chamado de Sá, deveria formar, no seu todo, um perfeito rectangulo, ou quadrilongo, como outr'ora se dizia.

Ficaram concluidas, a face, que estava ao poente e a que ficava ao sul, e que era o lanço principal. Da que ficava ao norte, e que deveria ser egual á sua paralella, apenas se concluiram as paredes exteriores e os tectos, e a parte, que formava o côro, o ante-côro e as dependencias d'estas repartições.

O resto, era formado, apenas por uns quartos provisorios, de madeira, e repartidos muito irregularmente.

A face, que deveria ficar ao nascente e fechar todo o edificio, nem mostrava signaes de ter sido principiada.

No entanto, não pode negar-se, que, a não ser n'um ou n'outro ponto, as partes, que do edificio estavam concluidas, eram muito solidas e só com dificuldade foram demolidas.

E, pela differença dos materiaes e das portadas e janellas, bem se conhecia, que a obra foi feita em diversas epochas, e teve diversos directores.

IX

Resta-me fallar dos côros e com isso terminarei a descripção do interior d'este edificio.

O *côro de baixo* era simples e nada tinha de notavel, além de um altar, em que se venerava a imagem de Christo, preso á columna.

Esse altar ficava encostado á parede, fronteira á grade, que, da Egreja, separava este recintho.

O altar era de boa talha, rematado por uma docel arrendado e superiormente curvilineo. A imagem não é de primorosa es-

culptura, mas tinham com ella grande devoção as habitadoras d'esta casa.

O tecto era *de gamella* e pintado a branco, com frisos vermelhos.

No centro tinha:

COR CONTRICTUM
ET HUMILIATUM
DEUS NON DESPICIES

Deus, não despresarás um coração contricto e humilhado.

Este recinto era alumiado por duas janellas, voltadas para o norte e defronte das hortas, que davam para o claustro.

*

* *

O côro de cima era um pouco maior. O tecto era como o do coro de baixo, e no centro lia-se:

AVE MARIA
GRATIA PLENA.

*

Perto das grades, que deitavam para o templo, e do lado do Evangelho, estava o orgão, que, segundo diziam alguns entendedores, é um dos melhores de Aveiro.

Tem grande quantidade de registros, alguns dos quaes servem para a imitação de cantos de aves e de instrumentos diversos.

E' todo de madeira de castanho. Nunca chegou a ser pintado e n'isso lhe dão hoje mais apreço os amadores de obras antigas.

E' alto e elegante, ornado com rostos de anjos e florões, collocados muito symetricamente.

No cimo tem, um escudo rectangular onde, em altos relevos se vêem os emblemas da Ordem franciscana.

Entre o teclado e os ultimos canudos inferiores, ha uma taboa, muito comprida e pouco larga, que pode tirar-se, ainda que com alguma dificuldade, para o que tem umas argolas de metal.

N'essa taboa e do lado interior le-se:

ESTE ORGAO SE FES
NO ANNO DE 1753
SENDO ABB.ª A R.ª Mᴱ
D. MARIANA IACINTA.
COSTOU COM A SUA CAZA
801 CRUZADOS.

A palavra *caza*, aqui, significa, segundo creio, a caixa do orgão.

Este foi em 1867 concertado por um habil artista hespanhol.

*

Defronte do orgão e, portanto, do lado da Epistola, havia uma porta, que dava ingresso para uma capella, e sobre a qual se lia:

ANNO DE 1778

Esse lettreiro indicava, por certo, a data de alguma pintura ou sanctificação.

A' mão esquerda de quem entrava e quasi junto do pavimento, estava um bonito presepio, com engraçadas figuras e todo envidraçado.

Na frente, estava um altar, onde se venerava uma formosa imagem de Nossa Senhora da Boa Morte, que no dia 15 de Agosto se costumava collocar na sua *barquinha*, para a solemne festividade, que, em honra da Virgem da mesma invocação, annualmente ahi se effectuava.

Era rematado por uma bonita sanefa.

Entre esta e o vão, em que se via a imagem, estava na parede o seguinte lettreiro:

ASSVMPTA EST MARIA
IN CÆLVM GAUDET
EXERCITVS ANGELORVM

(Maria foi elevada ao ceu. Alegre se o exercito dos Anjos.

O tecto era em forma de pyramide triangular, truncada paralellamente á base.

No centro, e dentro de uma coroa de flores, segura por uns anjos, via se a seguinte phrase:

OPTIMAM PARTEM
ELECIT SIBI MARIA

(Maria escolheu para si a melhor parte).

Encostado a cada uma das paredes latteraes do côro havia, uma renque de vinte cadeiras, collocadas na altura de dois degraus.

Ficavam-lhes paralellas e inferiores, duas ordens de dezoito cadeiras, por lado, ficando assim, ao todo setenta e seis cadeiras.

Por este numero se vê, que estas haviam sido alli collocadas, quando era mais prospero o estado d'esta casa e as suas habita-

doras em maior numero; isto é, depois de 1669 e antes de 1750.

Pendurados nas paredes e sobre as cadeiras, que ficavam ao longo d'estas, viam-se e em grande quantidade, diversos quadros, e de diversos tamanhos e variadas epochas.

Representavam alguns os Passos de Jesus e alguns santos, especialmente da Ordem Franciscana.

*

O Ante-côro, era uma sala rectangular, ornada de quadros e onde se viam dois altares, symetricamente collocados nas paredes que ficavam aos lados, de quem alli entrava e se encaminhava para o côro.

No que ficava á mão direita, via-se a imagem de Nossa Senhora da Soledade, que se costumava pôr em sexta-feira santa, no Passo, proprio da solemnidade da noite d'esse dia.

No outro, venerava-se a imagem do Senhor dos Passos.

Essas imagens, posto que não fossem uns primores de arte, não deixavam de inspirar veneração e respeito.

*

Sobre a porta, que dava ingresso para o côro, lia-se:

BENEDICAMVS DOMINO

*

No corredor do andar nobre d'esta casa religiosa, existiam outros altares em diversos sitios. Os principaes tinham as seguintes invocações: Nossa Senhora do Carmo, S. Sebastião, e S. Francisco.

Sobre a porta, que dava entrada para o ante-côro, lia-se:

ADORATE DOMINVM
IN ATRIO SANTO
EIVS.

(Continúa).

RANGEL DE QUADROS.

PENSAMENTOS

O amor proprio é um poço sem fundo. vase-se-lhe dentro as aguas de todos os mares que nunca fica cheio.

*

Dois amigos temos que nos não desamparam nunca: Deus e a morte.

*

Economia da natureza.—Sabeis em que se transforma uma vela depois de consumida? Parte em *acido carbonico* que se espande na athmosphera, e outra parte em agua que se evola em fórma de vapor muito subtil.

Pensais que se perdeu alguma particula minuscula d'ellas?

Não. Deus é economico e não inutiliza um só atomo.

O *acido carbonico* vae alimentar as plantas e hervas do campo, a agua entra na constituição da sua seiva.

Se Deus não deixa perder um atomo na economia da natureza como deixará perder as almas humanas.

Ha uma eternidade deante de nós cuja existencia proclamam as mesmas leis naturaes.

*

Resoluções espirituaes de Garcia Moreno Terceiro Franciscano:

«—De manhã oração; pedirei de um modo particular a humildade. Missa, rosario diario e Kempis; conservar a presença de Deus principalmente nas conversações para refrear a lingua e não adeantar mais do que é necesario. Offerecer a Deus todas as acções antes de lhes dar principio.

Nas tentações e duvidas concentrarei o meu espirito e direi a mim mesmo:—que pensarias ácerca d'este assumpto na hora da morte?—Fazer actos de humildade, como beijar o chão secretamente. Não fallar nunca a meu respeito. Não dizer mal de meus inimigos. Fazer exame de consciencia antes de comer e dormir. Não jogar mais que uma hora, Farei tudo para gloria de Deus. Confissão semanal pelo menos.

Se todos os governantes vivessem como este illustre Presidente do Equador e martyr da maçonaria, não andariam tão desgovernadas as nações.

*

Sê austero para comtigo e benigno para com os outros; manda as coisas faceis e escolhe para ti as difficeis.

S. J. CHRISOSTOMO.

*

Não são os logares que honram os homens, estes é que enobrecem aquelles.

PLUTARCO.

*

Não ouse mandar quem não soube obedecer; nem imponha obediencia aos outros quem a não prestou aos superiores.

S. Gregorio.

ANECDOCTAS

—A senhora anda mal dos ouvidos.
—Não ; é doença de que nunca padeci.
—E' que eu via-lhe o algodão nos ouvidos...
—Isto é para que o que me dizem não me entre por um ouvido e me saia pelo outro.

*

Morrendo certo barão romano soube se que as dividas que deixara abertas excediam os seus bens.

Procedeu-se á venda dos moveis da casa para cobrir algumas. O imperador Augusto sabendo-o mandou que comprassem a cama do fallecido para si; pois dizia—deve essa cama ter com certeza virtudes soporiferas visto esse homem, apesar de carregado de dividas dormir n'ella socegado. Será para mim esta cama um thesouro porque padeço de insomnias.

—E deu por ella uma grande somma.

*

Os que teem viajado pelo Rio de Janeiro dizem lêr-se em lettras garrafaes na frente de um grande hospital d'aquella cidade : A VAIDADE HUMANA Á MISERIA HUMANA, Eis a historia d'este lettreiro curioso e inigmatico.

D. Pedro II, tocado pela miseria dos enfermos que morriam ao desamparo pelas ruas d'aquella cidade, pensou em levantar um hospital para lhes dar agasalho. Fez appellos ao publico usando da sua influencia real, mas as esmolas não avultavam sufficientemente.

De que se havia de lembrar o imperador? De dar o titulo de barão a quem desse a esmola de 100$000 réis, e o de conde a quem desse 250$000 réis. Não lhes digo nada, o hospital foi acima emquanto o demonio esfrega um olho.

Quando concluido, os titulares novos apresentam-se ás festas da inauguração, como bemfeitores do regio monumento e ao procurarem com olhos anciosos o nome do hospital, deparam com o lettreiro : A VAIDADE HUMANA Á MISERIA HUMANA, como quem lhe dizia ao ouvido : não quiz o vosso coração de christãos soccorrer os enfermos desvalidos, e afinal soccorreu-os a vossa vaidade de pagãos.

Bem dada lição.

*

Questiona-se em viagam ácerca da excellente prolongação de varios écos.

—Na minha terra ha um que repete cinco palavras com toda a clareza.

—Não admira sei de um sitio em que um repete vinte.

De um lado um andaluz : — como o do meu logar não ha. Basta dizer que se um individuo pergunta : como está : Responde logo : bem e tu ?

Leituras amenas

Se eu tivesse mãe!...

Céo anuviado

(CONTINUAÇÃO)

II

A SCENA anterior succedeu outra mais agradavel. No interior do templo acotovelava-se a multidão crente aos pés da imagem de Maria. A formosa estatua da Immaculada Conceição, com o seu esplendido vestido branco, e um airoso manto azul-celeste, com o diadema de estrellas, e a cobra enroscada debaixo de suas plantas, que se apoiavam n'um globo representando o mundo, mãos cruzadas no peito, e olhos no céo, ostentava-se esbelta e graciosa ao centro do altar-mór, sob um magnifico docel de damasco encarnado, rodeada de luzes, anjos e flôres, com essa delicadeza, alinho e primor que só possuem as mulheres e entre as mulheres em gráo eminente as freiras. Ajoelhadas deante do altar, contemplavam-se meia duzia de meninas, vestidas de anjos, com trage completamente branco, corôa de flôres artificiaes na cabeça, e na mão um ramo de flôres naturaes.

O P. Placido dirigiu o rosario que todo o povo resou fervorosamente, e terminado este, ouviu-se um concerto de vozes virginaes acompanhadas docemente pelo orgão, que entoavam os louvores á Mãe Immaculada, *Rainha das flôres*. Seguiu-se depois o acto poetico e commovedor da entrega dos ramos á Virgem. Entre as estrophes d'um canto cujo estribilho era este, cantado por toda a multidão :

Cantemos alegres
A' Virgem louvores
Levemos-lhe flôres
Porque é nossa Mãe.

subia uma das meninas pela escada lateral até aos pés de Maria, fazia uma inclinação, recitava uns pequeninos versos, deixava alli o seu ramo de flôres em um vaso, e retirava-se, fazendo outra inclinação.

O povo estava encantado da graça in-

nocente d'aquelles anjinhos, quando tocou a vez a Seraphina. Conduzida á mão pelo P. Placido subiu a escada, fez a sua inclinação com a maior soltura, e com uma graça incomparavel realçada pelo seu caracteristico zetear continuo, e sympathica meia lingua, recitou sem se perturbar os seguintes versos :

Se te agradam
N'este dia
Das meninas
Os louvores
Aqui venho
Coroar-te
O' Rainha
Das flôres.

Eu te adoro,
O' Maria,
Minha gloria,
Meu bem!
Estas flôres
Te offereço...
E minha alma
Tambem!...

—E minha alma tambem, sim minha filha—dizia commovido o P. Placido.

—E minha alma tambem! — repetia por sua vez a tia Meregilda, chorando e rindo ao mesmo tempo.

—Filha de minha alma!—exclamava Andreia deixando correr as lagrimas.

—Que bem, papá, que bem o fez Seraphina—Dizia Angelito a seu pae.

—Silencio!—respondia este para occultar sua emoção.

Ao baixar Seraphina ao seu logar, ouvia-se um rumor surdo por toda a egreja.

—Bemdita seja tua bocca, minha filha.

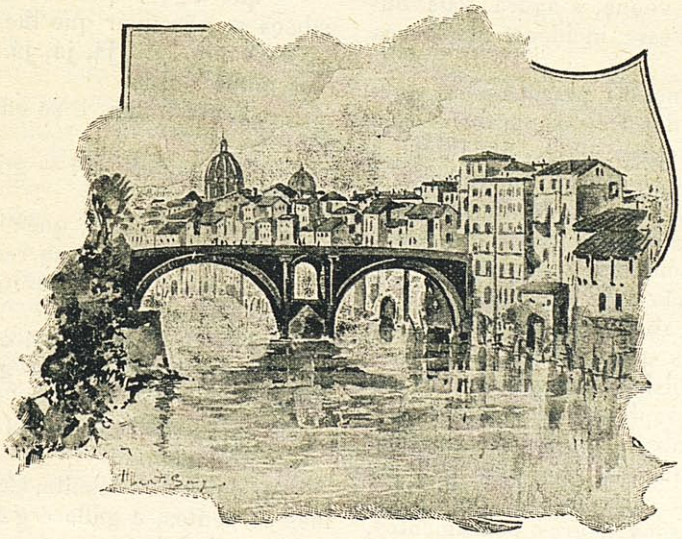
—Já viram coisa mais bonita?

—Bocca de anjo que dá gloria ouvil-a.

—Ai! creatura de Deus, quanto melhor te ouvirá a Virgem do que a nós pobres peccadores!

—Quem tivesse os teus annos e a tua innocencia.

—Olha a mãe como chora!... Pois anda que a avó...



ROMA

—Não é para menos, filha; já vez tu, que gloria para uma mãe!

—D'aqui ao céo!

—Silencio, que estamos na egreja!

—Tem razão. Silencio!... Psth... pchiu!!!...

Cessou o murmurio e terminou a função com o canto da *Salvé Rainha* e uma terna despedida á Virgem.

Ao sair da egreja cada mãe abraçava a sua menina, chorando, e recebia mil parabens das visinhas, que se faziam em linguas para elogiar aquelles anjinhos. Antonio recebeu muitos emboras, acompanhados de outros tantos apertos de mão. Andreia chorava de alegria como uma tôla,

Angelo beijava a irmãsinha com toda a sua alma, e a boa da tia Meregilda, não sabendo se havia de rir ou de chorar; rebentando de satisfação e orgulho, ia e vinha, tomava no collo a neta, arrebatava-a a todos os braços, beijava-a como uma louca, benzendo-se e repetindo em todos os tons e com todas as vogaes do alphabeto:

—Jaaassus!... Jeeessus!... Jiiissus!...

—Jooossus!... Juuussús!...

III

Tinha-me esquecido referir-te, carissimo leitor, um incidente occorrido durante a função, em razão do qual teve o nosso bom Colim de sahir da egreja, de orelha cahida e rabo entre as pernas. Mas não ha mal que por bem não venha, e agora vais ouvir a narração d'esse incidente de bocca mais auctorisada.

Emquanto os nossos personagens recebem no locutorio das freiras parabens sem conto, de que participa cheia de jubilo a Madre Assumpção, e tomam um refresco á saude de Seraphina, e Angelo ajusta com o Padre Placido a conta das *Salve-Rainhas* e das amendoas, vamos nós acompanhar o pobre Colim; que não é de bons amigos nem de bons corações abandonar os desgraçados só para seguir aos que são felizes.

Amuado e cabisbaixo ia caminho de sua casa Colim, philosophando acerca do successo que lhe acabava de acontecer. Chegava já á porta quando saía uma gallinha que o saudou mui cortezmente; porém tão embebido ia em seus negros pensamentos, que nem sequer a ouviu. A gallinha, um tanto enfadada pela descortezia, disse-lhe com um certo retintintim:

—Amigo, bem se vê que tem privança com os amos, que já não quer saber dos pobres que vivem cá debaixo da escada.

—Que dizia, senhora, digo gallinha?—perguntou Colim.

—Olá... já percebo!... parece que vem com o rabo entre as pernas.

—E a você que lhe importa, tia Picarota?

—Ai, que cara de cão tem você hoje!

—Pois a mesma d'hontem, não?

—Parece que vem de focinho caido.

—O que digo é que você tem o bico muito comprido.

—Homem, digo cachorro!... Que más pulgas que traz!

—No que você vae é a abrir muito as azas e quem tem a culpa... emfim... cala-te bocca.

—Vá, grunha tudo d'uma vez e não engula as coisas.

—Se fossemos como as galinhas que tudo cacarejam!...

—Quem anda aquiiiii!... pois, pois... poiiis!—gritou um gallo muito corado da crista, acudindo em auxilio da gallinha.

—Olha lá com que pé de gallo se sai este—disse Colim.

—Com quem falla?—perguntou o gallo levantando uma perna, e olhando de soslaio.

—Fallo para você, o da boina encarnada; e que tem com isso?

—Pensa que está a fallar com algum franguinho tenro?

O que digo é que não levante muito a cabeça se não quer que lhe abaixe a crista.

—A mim!... já, já, já. Tenho os esporões muito duros.

— Tanta bulha, e se eu lhe mostro os dentes...

— Cá, cá, cá, cá! — gritou a primeira gallinha.

—Quê, quê, quê, quê?—disseram acudindo todas as outras ao redor do gallo.

—Eia!... lá se alvorotou o gallinheiro. —disse Colim.

—Tire-se d'ahi, que é o mais cachorro, que nasceu de cadella! — gritaram as gallinhas.

E vocês são toda a vida umas gallinhas!

—Animal!

Ao ouvir este insulto, Colim arreganhou-lhes os dentes, e gallo e gallinhas dispersaram-se gritando.

—Soco... co... co... co... corro!

Riu-se Colim da cobardia de seus rivaes e introduziu-se pela gateira, o que pode fazer facilmente por suas pequenas dimensões.

As gallinhas, repostas do susto ao ver que não as seguia, reuniram-se dizendo:

—Não se pode tratar com gente pelluda.

Colim por sua vez reflectia, subindo a escada.

—Está visto que não ha que ver com gente emplumada.—E sahiu.

Enroscado e dormindo sobre um banco estava Furrunhas, á chegada do cão. Lembrou-se este que era bella occasião para se desquitar; mas resistiu com nobreza a tão cobarde pensamento e pondo as patitas á borda do banco tocou suavemente com a

mão no gato, para o acordar. O primeiro que este fez, despertando sobresaltado foi cravar as unhas no focinho do seu companheiro encrespando-se e dizendo:

—Fffff...óra!

—Tambem tu, Furrunhas!—exclamou angustiado Colim.—E eu que vinha a consolar-me comtigo! Vê lá: podia ter-me vingado de ti emquanto dormias e não quiz.

—Ffffff...óra!—gritou mais alto ainda o gato.

—Não sejas cruel, Furrunhas, attende-me.

—Diz o que quizeres, mas ha-de ser acolá mais de diante.

—Está bem—disse o cão, agachando-se em cima de outro banco.—Capitulemos.

—Capitulemos. Cautela!

—A ninguem passa o que me passa a mim, Furrunhas!... Ora vê lá, que me havia de lembrar: ir esta tarde ao *mez de Maria* para ouvir a menina da casa.

—Tanta falta fazias lá como os cães á missa—interrompeu Furrunhas.

—Não me ralhes, que bastante tenho soffrido. Pois, senhor, entretido em ladrar a um hereje que ia pela rua vomitando asneiras, depois de ter insultado ao P. Placido, cheguei um pouco tarde ao *mez* e custou-me um triumpho chegar ao banco onde estava o amo e Angelito. Sentei-me caladito debaixo do banco; mas achei de menos a menina, e não parei de farejar tudo até que a vi lá cima e lá me fui. Quando ia já a lamber-lhe a mão, chega um diabo d'um petiz vestido de encarnado, e paf!

Sacudiu-me sem mais hirte nem guarte com o apagador de accender as luzes. Dei um gemido, coisa muito natural, e dirigi-me a tomar-lhe o pulso ás pantorrilhas, quando vi que todos diziam: *Fóra, fóra cão!* e não tive mais remedio que encolher os hombros e tornar ao meu banco, cantando baixinho. Pódes fazer ideia da zanga que tinha, e da agua que se me fazia na bocca quando via o petiz da batina vermelha; mas quando vejo a menina subir as escadas que parecia um anjo, tão linda, tão graciosa... sempre te digo que me esqueceu tudo n'aquelle momento. Quando a ouvi votar os versos com aquella graça e aquelle sal que Deus lhe deu, o meu enthusiasmo chegou ao delirio: não pude conter-me e soltei um grito com todas as minhas forças:

—Bravo!...

Ja vez que isto não tinha nada de particular, Pois dizel-o eu e ouvir de novo por todos os lados: *Fóra, fóra cão!* e vêr ao petiz encarnado arvorar o apagador e dirigir-se a mim, tudo foi um. Mas o que mais me custou foi vêr que o amo tambem me despedia; nem me atrevi quasi a olhar para elle: e ao vêr a cara que me poz, se me confragiu o coração e vim até aqui a vêr se encontrava um amigo que se compadecesse de mim.

Furrunhas disse gravemente:

—Bem feito; para que aprendas a não te metteres onde não és chamado, que sempre has-de ir cheirar todos os buracos.

—Mas, Furrunhas, e o carinho para os amos.

—Qual carinho, nem qual cabaça! Isso é ser bruto, não entender nada do mundo.

— Que é que dizes, homem, digo, gato?

—Sim! vou mesmo agora matar-me por ninguem. Ponto! N'este mundo, comer e dormir: á hora de comer muitos mimos; o mais,... *se te vi não me recordo.*

—Furrunhas!... exclamou Colim benzendo-se escandalisado;—por muito gato te tinha, mas não julguei que o eras tanto.

—Deixa-te d'estas tretas de carinhos; cuidar da pelle que é o que importa... Carinho aos amos... Sim, como se nunca nos tivessem atiçado com as tenazes!...

—Alto, Furrunhas! Isso não pode ser; não se murmura dos amos deante de mim. Se nos batem, d'elles somos, e tambem algumas vezes nos acariciam.

—Oh!... Sempre foste e hasde ser toda a vida um adulador.

—E tu um ingrato.

—Lambe-pratos.

—Carranca!... Mau pêlo.

—Cara de cão!

—Olhos de gato.

Os dois amigos, já convertidos em adversarios, foram-se approximando até se olharem frente a frente. Furrunhas deu um salto inesperado, um salto de tigre, e arrojou-se sobre Colim, bufando, mordendo-o e arranhando-o.

—Ai, ai, aaai!—exclamou Colim emquanto Furrunhas fugia e desapparecia por debaixo dos bancos.

— Traidor — pensou depois o cão. — Hum!... hum! hum! Gente emplumada, e gente de garra... não ha que fiar.

A este tempo ouviu os passos de seus amos na escada. Seu primeiro pensamento foi occultar-se até passar a trovoada; mas logo se determinou a resignar-se com o que viesse e não deixar por isso de obsequiar os seus amos. Sahiu portanto ao seu encontro muito humilde, agachando-se pelo chão, como reconhecendo sua culpa,

—Anda lá ladrão—exclamou Antonio ao vel-o.

—Mau!...—pensou Colim lá para dentro da pelle.

Mas adeantando-se Angelito e Seraphina começaram a acaricial-o, e elle então reanimado, saltou e brincou muito, lambeu-os como nunca, ladrando estas palavras:

—Bravo, muito bem! Bravo, Seraphina.

—Avósinha—disse esta ao ouvido da tia Meregilda,—*poquê* não deixa a mãe o cabello grande a Angelito e não lhe põe *saias?*

—Para quê, filha!

—Ora! *Para ser menina e levar rosas á Virgem.*

Emquanto a avó se desfazia em exclamações e beijos á *cria* como ella lhe chamava, pela sua nova lembrança, Andreia dizia a Antonio:

—Sinto aqui uma dôrsita no lado.

—Que melindrosas são as senhoras mulheres!

—Claro!... Se te doesse!

—Ai Jesus! que já vae morrer!

—Filhos de minha alma que seria d'elles!

(Continua).

Culto de Santo Antonio

Centros da Pia União e modo pratico de se estabelecer

Vimos qual o intuito que presidiu á fundação da Pia União de Santo Antonio, e como ella foi canonicamente erecta pela primeira vez na Egreja de Santo Antonio, em Roma, ficando por conseguinte sendo esta a séde ou centro primario e tendo como Director o Rev.mo Padre Luiz de Parma. Apenas esta noticia tinha chegado a todas as regiões da terra, quando de todas as partes se ouviam em Roma as vozes dos fieis devotos de Santo Antonio abençoando a obra da Pia União, e pedindo ao Director de Roma, lhes explicasse o modo de propagar por toda a parte a obra do seu querido Santo. Foi então que o Rev.mo Director da Pia União pediu á Santa Sé se dignasse conceder-lhe a faculdade de poder erigir em todo o mundo Centros da Pia União, que seriam considerados como centros secundarios, sujeitos á direcção geral do centro primario de Roma, gosando porém das mesmas graças e privilegios, e tendo em vista o mesmo fim, isto é, a glorificação de Santo Antonio e por sua intercessão alcançar a graça da fé para os incredulos, e o Pão para os pobres.

O Santo Padre annuiu benignamente ao pedido do Rev.mo Director Geral, e por um *rescripto* de 6 de abril de 1895 lhe concedeu *in perpetuum* a faculdade de erigir *centros secundarios* em todo o orbe. E era tal a ancia que todos sentiam de se inscrever na *Pia União* de Santo Antonio que um anno depois da sua fundação, havia mais de *cem mil* associados, e estavam já inscriptos no *Centro* primario de Roma 20 *centros secundarios,* tendo o nosso paiz um dos primeiros logares, como era de toda a justiça: porque onde soar o nome de Antonio, sôa conjunctamente o predilecto nome do nosso querido Portugal, de que elle foi uma das mais lidimas glorias.

*
* *

No dia 13 de maio de 1895 foi erecto pelo Director Geral o Centro portuguez da *Pia União,* na egreja de S. Boaventura Montariol, junto á cidade de Braga, sendo approvado pelo Exc.mo e Rev.mo Prelado da archidiocese no dia 21 de junho do mesmo anno. No nosso ultimo relatorio encontrará o Rev.mo Director Geral da *Pia União* e os concidadãos de Santo Antonio, quanto tem trabalhado este centro pela propagação do culto do Santo, e os uberrimos fructos de graças espirituaes e temporaes que elle tem espalhado por todo o nosso paiz.

Para elucidar todos aquelles que desejam fundar centros da *Pia União,* e em resposta a todos os pedidos que n'este sentido têem sido feitos ao *Centro* da Pia União de Santo Antonio, aqui exaramos o

modo pratico como devem proceder, para estabelecer um centro qualquer da Pia União.

*
* *

Como fica dito o centro primario ou a séde da Pia União é em Roma no collegio de Santo Antonio, e d'aqui emanam directamente todas as faculdades relativas á instituição canonica de todos os centros já espalhados por todo o mundo e que de futuro houverem de se fundar. Além do centro primario, ha centros *nacionaes, diocesanos* e *parochiaes*.

O CENTRO NACIONAL PORTUGUEZ *da Pia União de Santo Antonio* tem faculdade para admittir associados na Pia União em todo o paiz, e é obrigado a cathalogar os seus nomes e moradas, e a enviar todos os annos um relatorio ao Director Geral do movimento da Pia União em todo o paiz o que de fórma alguma poderá satisfazer, se a organisação dos *centros diocesanos* e *parochiaes* não fôr bem ordenada.

Centros diocesanos

Estes centros devem ter ordinariamente a sua séde na cidade onde reside o Rev.mo Prelado. Um sacerdote fervoroso devoto de Santo Antonio, e desejando obter por intercessão do Santo, o augmento do espirito da Fé para os povos d'essa diocese e o pão para os pobres indigentes d'ella, pede ao Rev.mo Prelado a licença para a installar na sua egreja (se é parocho) ou n'uma outra egreja qualquer com a devida auctorisação do respectivo parocho ou capellão; e depois de ter licença do Prelado, e egreja propria, escreve ao director do centro nacional da Pia União. Recebido o diploma, destina um dia qualquer para a festa da erecção em que fará uma pratica ao povo expondo-lhe o que é a Pia União de Santo Antonio. (N'essa mesma occasião póde ser inaugurado na egreja o Pão dos Pobres, da fórma que adeante indicaremos. E' este um dos meios de conservar os associados da Pia União.) Depois toma nota de todas as pessoas que pedem a sua admissão para no fim do mez as enviar ao *director central* da Pia União, e o terá sempre ao corrente de todo o movimento relativo ao culto de Santo Antonio. E esta obra tão singela na apparencia lhe mostrará quão valiosa é a protecção de Santo Antonio. Não fallamos sem fundamento; os algarismos dos nossos relatorios não nos desmentem.

SANTA AGNEZ D'ASSIS

Todas as pessoas que se desejem inscrever na Pia União devem ter uma patente propria, pois além da conveniencia de possuir um documento comprovativo da sua aggregação tem tambem a dita patente os estatutos e obrigações da Pia União.

Centros parochiaes

Os centros parochiaes têem faculdade